

## **A formação de oásis: dos movimentos frentenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958)**

Arilson dos Santos Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa investigou a história do Primeiro Congresso Nacional do Negro, realizado em Porto Alegre, no ano de 1958, sob a organização da Sociedade Beneficente Floresta Aurora. Descobrimos que os primeiros passos para a formação de eventos sobre a comunidade negra coincidem com a data da origem da Frente Negra Brasileira, fundada em São Paulo em 1931. Pesquisamos a Frente Negra paulista, a pelotense, a baiana e a pernambucana, identificando um *movimento frentenegrino* em busca da inserção social das populações afrodescendentes e questionando se as suas ações iam ao encontro das propostas apresentadas nos encontros nacionais afro-brasileiros e negros realizados em nosso país. Identificamos, na realização destas atividades, a formação de oásis, já que somente passaram a existir em decorrência dos esforços e perseverança daqueles que lutaram por um mundo melhor. Em contrapartida, denominamos de deserto a intolerância, discriminação e preconceitos existentes em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Movimento Frentenegrino. Congressos. Oásis.

**Abstract:** This research investigated the history of the First National Congress of Blacks, that was achieved in Porto Alegre (RS), in 1958. This Congress was organized by the *Sociedade Beneficente Floresta Aurora*. We found out that the first steps to the creation of the events on the Black community coincided with the date of creation of the Brazilian Black Front, in São Paulo (SP), in 1931. We research the *paulista*, *pelotense*, *baiana* and *pernambucana* Black Fronts and we identify a *Frentenegrino* Movement that was searching the social insertion of the Afro-Brazilian populations. We ask if their actions were similar to those proposals presented during the Afro-Brazilian and Black National meetings achieved in our country. We identify during the achievement of these activities the creation of an oasis that existed because of the efforts as well as the human perseverance of those fought by a better world. On the other hand, we call desert the intolerance, discrimination and prejudices in our society.

**Key words:** Frentenegrino Movement, Congresses, Oásis.

## Introdução

O conhecimento a respeito da influência exercida pela *Frente Negra Brasileira* na realização das atividades de caráter nacional sobre o negro em nosso país, foi de extrema relevância, pois nessa relação entre grupos humanos e em virtude das diferenças históricas constituídas em nossa sociedade, seria impossível desenvolver um artigo narrando os lugares sociais<sup>2</sup> que pensaram na complexidade das relações raciais e sociais, a partir da década de 1930, sem mencionar esta organização.

Ela notadamente influenciou o fazer política<sup>3</sup> em uma sociedade complexa e diversa, já que pleiteava a integração das populações negras em todos os segmentos sociais da vida brasileira, em um período relativamente curto, entre o pós-abolição e o ano de sua fundação, datada de 1931. As demais iniciativas de *caráter nacional*, que incluíam como temática as questões negras entre os anos 30 e 50, tiveram a participação direta de homens que passaram por ela.<sup>4</sup> Analisaremos, neste trabalho, em ordem cronológica, a existência de quatro *Frentes Negras* fundadas entre 1931 e 1937.<sup>5</sup>

Chamamos a atenção para a relação intrínseca entre os locais em que existia o *movimento fretenegrino* e os estados onde foram realizados os *encontros de caráter nacional* sobre as temáticas afro-brasileira e negra. Ou seja, em Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul, existiram as *Frentes Negras*. O mais interessante é que se antes as ideias viajavam de São Paulo para o Sul e depois para o Norte e Nordeste brasileiro, agora por ocasião da realização dos Congressos, o movimento é justamente o inverso, os oásis/lugares sociais surgem no Nordeste, passam pelo Sudeste e chegam ao Sul do país, mais precisamente à cidade de Porto Alegre.

## O Movimento Fretenegrino e os Cabos Distritais em movimento

Nossa hipótese quanto ao “movimento das ideias” sobre a temática negra é a seguinte: os *cabos distritais*<sup>6</sup> arregimentavam filiados para os quadros da *Frente Negra* nos bairros da cidade de São Paulo. Os *delegados em trânsito*<sup>7</sup> fundavam núcleos da organização em cidades portuárias pelo Brasil, sendo que muitas destas filiais continuaram

a produzir periódicos próprios, propiciando a circulação de suas propostas. Pretendemos demonstrar que após o término das *Frentes Negras* as idéias, passam a se movimentar através das *delegações e de participantes* de outros estados brasileiros, que viajaram pelo país para debater nos *congressos nacionais* a temática, o que de certa forma coloca essas pessoas, hipoteticamente narrando, como *cabos distritais dos encontros*, conceito que utilizaremos para demonstrar a importância destas pessoas, independentemente de sua origem étnica e de sua formação intelectual, para a difusão das questões negras por todo o território nacional.

Identificamos o deslocamento dos homens vinculados à *Frente Negra Brasileira*, e na sua divulgação de idéias entre as regiões brasileiras, como um *movimento frentenegrino* e denominamos os locais que estas pessoas se reuniam, bem como os congressos, de “Oásis”. Em contrapartida, reconhecemos como “desertos” o racismo, preconceito e as discriminações sofridas por qualquer ser humano, neste caso, mazelas que atingiam diretamente a população negra.

### **A formação de oásis**

A metáfora de oásis e deserto foi pensada a partir da leitura de Arendt, que utiliza esses termos para refletir a condição humana que é mantida através desses desafios. Segundo a autora:

... o deserto é o mundo sob cujas condições nós nos movemos... dependendo da situação, talvez seja necessária a capacidade de sofrer, a virtude de suportar ou a coragem para agir. Em termos genéticos, que a esperança repouse sobre aqueles que vivem apaixonadamente sob as condições do deserto e que podem agir com coragem: pois, o que eles fazem, é político. (ARENDR, 2006:183).

A formação das *Frentes Negras* e a realização dos Congressos Afro-Brasileiros e negros tiveram como principais características proporem a criação de “oásis” para a sociedade e os negros brasileiros combaterem o racismo, preconceito e as discriminações em todas as cidades que existiam.

Convém informar que percebemos estes *lugares sociais* também como espaços *políticos*,<sup>8</sup> acontecimentos propícios para que seus organizadores buscassem entender e agir, através das pesquisas apresentadas e das propostas efetuadas, em busca de uma sociedade melhor. Procurando respostas nos aspectos culturais para formar a nação<sup>9</sup> ou aprofundando os conhecimentos dos problemas enfrentados cotidianamente pelos negros no período, com isso visando através de medidas jurídicas atenuar os problemas sociais que sofria este grupo.<sup>10</sup>

A propósito da *Frente Negra Brasileira* pensamos que, para analisá-la, bem como para mensurar a sua importância, devemos contextualizar sua trajetória nas diferentes cidades em que existiu. Procurando entendê-la como um *movimento*. Concordamos com Flávio dos Santos Gomes ao dizer que: “para se analisar a FNB temos que pensar em seus desdobramentos que foram diversos” (GOMES, 2005:55).

Para examinar a formação de oásis, como o *I Congresso Nacional do Negro*, demonstraremos os encontros de caráter nacional,<sup>11</sup> que ocorreram antes dele, uma vez que foram estes locais que motivaram os debates sobre a temática. Ou seja, nestes oásis as ideias continuam movimentando-se, agora em um lugar fixo, com isto possibilitando a troca de informações entre os seus participantes.

O *I Congresso Nacional do Negro*, de 1958, foi organizado pela *Sociedade Beneficente Floresta Aurora* e ocorreu no município de Porto Alegre. Podemos concluir que o termo “nacional” denota uma transformação importante nos interesses de seus organizadores, já que existiu uma forte influência político-partidária em sua organização.<sup>12</sup>

É importante salientar que nessas reuniões inexistia o caráter separatista ou isolacionista entre grupos étnicos, instâncias políticas, etos religiosos ou coisas do gênero, pelo contrário, eram altamente “integracionistas”, pois preconizavam respeito às Constituições vigentes.<sup>13</sup>

Para o desenvolvimento de nosso artigo, utilizamos as seguintes fontes: periódicos, atas de reuniões localizadas no acervo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, entrevistas, correspondências, Anais da Assembléia Legislativa do RS e Diário Oficial do Estado.

## A Frente Negra Brasileira

A *Frente Negra*, embora tenha características diferentes de um Congresso propriamente dito, merece atenção especial em nossa análise. Representou o embrião político-social de unidade para uma comunidade negra carente de recursos materiais e de “direção” no pós-abolição.<sup>14</sup>

Portanto, perguntamos: quais as origens das *Frentes Negras* nas cidades de São Paulo, Salvador, Pelotas e Pernambuco? Quais eram os contextos históricos vivenciados por elas? Que escritas foram produzidas nestes lugares? Que ações foram propostas e como se encerraram as atividades destes núcleos?

Existiam em São Paulo, antes desta entidade, jornais e organizações recreativas que criticavam as dificuldades enfrentadas pelos negros no pós-abolição, mas nenhuma atingiu tamanha expressão como ela, embora tenham sido os embriões de sua formação.<sup>15</sup>

A *Frente Negra Brasileira*<sup>16</sup> foi fundada em São Paulo no dia 16 de setembro de 1931 por Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978). Em sua trajetória foi presidida por Arlindo Veiga dos Santos, que ocupou o cargo até junho de 1934, e por Justiniano Costa, que ocupou a presidência até a extinção da organização, em 1937 (Cf. DOMINGUES, 2007:5).<sup>17</sup>

Desde a sua formação, a *Frente Negra* tornou-se um núcleo centralizado, o que possibilitou seu crescimento e penetração no interior paulista. Já em outras regiões do país existiram também as *Frentes Negras*, embora com ideologias e administrações diferentes desta.

Em São Paulo o cotidiano das populações negras antes da origem da FNB, era deserto. Conforme Domingues, foi possível identificar fatores, concomitantes, ocorridos no final do século XIX, que decretaram as mazelas sociais para a população negra, tais como a diminuição “assombrosa” da natalidade, óbitos agravados com a mortalidade infantil e doenças, ausência de políticas públicas, o aumento da imigração europeia e a miscigenação pensada como processo de branqueamento da população negra (Cf. DOMINGUES, 2002:566-572).

Para Domingues, os números são reveladores. Pelo censo de 1872, os negros (pretos e mulatos) correspondiam a 37,2% da população da cidade de São Paulo. Já em 1893, o

percentual era de 11,1% e, pelas estimativas de 1934, declinava para 8,5%. Em 1934 eram 90.110 negros, em um total de 1.060.120 pessoas.

No que tange à organização conter em seu título a nomenclatura *Frente*, sabemos que era um nome comum em outras agremiações políticas, como em torno das disputas oligárquicas. Mas por que esta entidade também carregou o adjetivo Brasileira? Conforme Francisco Lucrécio (1909), membro da *Frente Negra*, não foi fácil, para os integrantes do movimento, definir uma ideologia entre tantas outras existentes na época.<sup>18</sup>

Lucrécio citou o socialismo, trotskismo, comunismo, integralismo etc. E afirma “nós fazíamos política de boa vizinhança...” (Lucrécio *apud* BARBOSA, 1998:44).

Outro marco registrado nesse período foi a grave crise enfrentada pelo capitalismo. De escala mundial, a estagnação de 1929 trouxera miséria, desesperança e colapso político que colocou em “xeque” a democracia liberal (Cf. FAUSTO, 2002:194).

Portanto, muitos homens intelectuais que pertenceram aos quadros desta organização, eram adeptos a ideologias centralizadoras (Cf. LUNA, 1976:312). Nesse sentido, foram muitas as discussões em seu seio, tanto que a *Frente Negra Socialista*, fundada por José Correia Leite, que foi um dos líderes do grupo, se tornou uma dissensão da organização. Leite acusava os líderes da *FNB* de monarquistas e integralistas.

Segundo Francisco Lucrécio, secretário da organização, a principal preocupação da organização foi a criação de uma ideologia identificada com a nacionalidade. Lucrécio explica que o referencial de resistência para o negro no passado do Brasil foram a Guerra do Paraguai, Zumbi, a Revolta de João Cândido, a Revolta dos Malês, etc. A referência não era a volta à África e sim dar sequência nessas lutas em território brasileiro (Lucrécio *apud* BARBOSA, 1998:46).

Para Darcy Ribeiro “a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, e ainda é, a conquista de um lugar e de um papel participante legítimo na sociedade nacional...” (RIBEIRO, 1995:220).

Na sede da associação, na cidade de São Paulo, localizada na Rua da Liberdade nº 196, foram elaborados os seus estatutos e a sua administração. Composta por um grande conselho, um chefe e o secretário. Os cabos distritais arregimentavam simpatizantes.

A partir de 18 de março de 1933, esse *lugar social* passa a produzir, sob a

coordenação do departamento de imprensa, o seu próprio jornal para defender e divulgar os seus interesses, intitulado: *A Voz da Raça*. Agora as reivindicações passam a ser registradas e públicas.<sup>19</sup>

Convém destacar que o primeiro jornal negro de São Paulo foi o *Menelik*, fundado em 1915, depois surgiram os seguintes jornais: *A Princesa do Norte*, o *Tio Urutu*, *A Rua*, *O Xauter* e *A União*, em 1918, *O Alfinete* e o *Bandeirante*, e *A Protetora*, em 1919, *A Liberdade*, de 1920, *A Sentinela*, em 1922, *O Kosmos*, em 1923, *O Getulino*, em 1924, *O Elite*, em 1928, *O Auriverde*, *O Patrocínio* e *O Progresso*, em 1932. O mais representativo jornal foi *O Clarim da Alvorada*, fundado por José Correia Leite e Jayme Aguiar. Somente em 1933 com a participação dos membros do *O Clarim da Alvorada* foi que surgiu o jornal da *Frente Negra Brasileira* o *a Voz da Raça*.<sup>20</sup>

Notamos que foi no Rio Grande do Sul o nascimento da denominada imprensa negra brasileira. O jornal *O Exemplo* de Porto Alegre é o mais antigo do Brasil, fundado em 1892, e o jornal *A Alvorada* de Pelotas, o que mais tempo circulou, sendo o primeiro número lançado em 1907 e o último em 1965.

Após o surgimento da imprensa negra, o “grito” de protesto se cristalizou. Para Abdias do Nascimento, a *Frente Negra* “foi um movimento de massas, protestava contra a discriminação racial que alijava o negro da economia industrializada, espalhando-se para vários cantos do território nacional” (NASCIMENTO, 2000:204).<sup>21</sup>

Já para o historiador Flávio dos Santos Gomes, o perfil dos intelectuais líderes da entidade era de funcionários públicos e letrados, o que impediu a afirmação da organização entre as massas, sendo Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978), professor de latim e Francisco Lucrécio, cirurgião-dentista. “A Frente Negra não se constituiu em um movimento de massas, como, aliás, nenhuma instituição naquela época...” (GOMES, 2005:55).

Em 1934 a direção da *Frente* paulistana, decidiu registrá-la como partido político atuando pela busca de votos para conquistar o eleitorado negro, o que se tornou impossível devido ao encerramento das atividades eleitorais em nosso país, determinadas pelo Estado Novo, em 1937.

Para Francisco Lucrécio, que vivenciou o fechamento da organização no Estado Novo: “Quando a Frente Negra foi fechada, podíamos até ter fechado o departamento político que tinha sido registrado como partido e continuar a obra social, educacional e de assistência. Mas na época, ninguém pensou nisso...” (Lucrécio *apud* BARBOSA, 1998:63).

A *Frente Negra* na cidade de São Paulo durante a sua breve existência, de 1931 a 1937, constituiu-se como o principal *movimento social negro*. Conquistou avanços nas áreas sociais e políticas e seus exemplos acabaram sendo seguidos por grupos, em outros Estados.<sup>22</sup> No que diz respeito aos aspectos culturais, a organização entendia cultura como instrução e conhecimento.

### **A Frente Negra em Salvador**

A *Frente Negra*, de Salvador, foi criada entre julho e novembro de 1932, por Marcos Rodrigues dos Santos, fiscal de estrada de rodagem, que participara um ano antes da fundação de um núcleo da organização na cidade de Santos.

Na “Mulata Velha”, sua sede se localizava na Rua Rui Barbosa, nº 44. As principais propostas deste núcleo na cidade eram a alfabetização e o levantamento moral da raça.<sup>23</sup>

Em janeiro de 1933, a organização baiana mudou para a Rua da Ajuda, nº 12, mantendo-se até agosto do mesmo ano. Realizou, em suas dependências, cursos de alfabetização, música, datilografia e línguas, além de sessões de filmes. Também manteve um quadro social feminino. Em Salvador, promovia conferências sobre: “O negro, a indústria e a sociedade”, “O negro baiano, a família e a alfabetização”, além de publicar um semanário com o objetivo de divulgar e defender seus interesses.<sup>24</sup>

Quais as aproximações e os distanciamentos que localizamos entre a *Frente Negra Paulista* e da *Frente Baiana*? Segundo Bacelar do ponto de vista do ideário, bem como das ações, existiam muitas aproximações entre elas. Porém, levando em consideração as peculiaridades históricas e políticas de Salvador, são identificados mais distanciamentos (Cf. BACELAR, 2001:49).

A cidade de Salvador, diferentemente do que ocorreu em São Paulo, era a favor da ordem social, política e econômica estabelecida nos moldes tradicionais.<sup>25</sup> Em São Paulo aconteceram transformações políticas, sendo os negros discriminados no mercado de



trabalho e substituídos pelos imigrantes.<sup>26</sup> Os negros paulistas tinham grandes expectativas de superação dessas condições acenadas pelas agitações dos anos 30. Já em Salvador, os negros baianos continuavam integrados ao trabalho, sobretudo autônomo, isso quando não marginalizados.

Marcos Rodrigues dos Santos, fundador da *Frente Negra* era operário, sendo que os dirigentes que o acompanhavam na organização eram negros de condição modesta.

Os negros socialmente ascendentes se afastavam inteiramente da identificação com os “pretos pobres” e seu modo de vida, ou seja, quanto mais bem-sucedido o negro, mais distante da *identidade negra* e deste *movimento social* (Cf. BACELAR, 2001:156).

Para Bacelar, a organização teve vida curta, durou cerca de cinco meses, porém, foi intensa na sociedade soteropolitana, na medida em que o movimento trouxe à tona a questão racial naquela sociedade tradicional, como a desigualdade entre negros e brancos e a união dos negros como caminho para a superação do preconceito e da discriminação, pontos importantes para a formação de oásis. Seu líder e fundador, Marcos Rodrigues dos Santos, continuou morando em Salvador, onde faleceu na década de 1950 (Cf. BACELAR, 2001:157).

### **Em Pelotas: O “Alvorada” como origem**

No Rio Grande do Sul, a *Frente Negra Pelotense* foi fundada no dia 10 de maio de 1933 por José Aduino Ferreira da Silva, Carlos Torres, José Penny, Humberto de Freitas e Miguel Barros, integrantes do periódico *A Alvorada*. Tinham como atividades, em suas dependências, a realização de cursos para a comunidade negra direcionados para a educação e a união. Dentre os seminários estavam a “Reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça” e “A mulher negra e o futuro da raça”.

Conforme Santos (2001:143), que pesquisou os estatutos da *Frente Negra* em Pelotas/RS, um dos interesses desta organização era instruir a mulher negra. O principal motivo, segundo o autor, era porque ela ficava encarregada de dar educação para as crianças. O conhecimento era definido pela *FNP* como o melhor caminho para a integração racial.<sup>27</sup>

Uma das particularidades da *Frente Negra Pelotense*, em relação às outras analisadas, era que a mesma tinha um caráter mais sindical, inclusive mantendo alianças com organizações classistas.<sup>28</sup>

Pelotas, a “Princesa do Sul” teve em sua consolidação urbana e industrial, condições geradas pela da riqueza proporcionada pelo charque. Em função dos estabelecimentos saladeris, de caráter artesanal, que iniciaram em 1780, a região foi um dos locais de maior concentração de escravos no Rio Grande do Sul, situação que se manteria até o século XIX, quando as charqueadas, transformaram-se em empresas voltadas para o mercado nacional. (Cf. SANTOS, 2000:48).

Devido a esta situação, o município desenvolveu fatores socioeconômicos diferenciados de São Paulo. Como característica peculiar da cidade Loner ressalta a utilização da mão-de-obra negra na industrialização, ao contrário de São Paulo, que utilizou o imigrante. (LONER, 1999:232).

Os operários negros através de organizações classistas, desenvolveram o que Loner denominou de dupla militância, em associações de raça e de classe. Para a pesquisadora: “... a opção pela organização classista operária era uma das poucas esperanças de melhoria de vida” (LONER, 1999:233).

Esse *movimento social* contou com o apoio de parte significativa da comunidade, mas muitos ficaram temerosos com o que tal organização pretendia, já que o preconceito de cor e o racismo eram “desertos” poucos falados publicamente. Nesse sentido, “a maioria dos negros lutava pela sua integração na sociedade, de forma individual”.<sup>29</sup>

O Jornal *A Alvorada* difundia e registrava os interesses do grupo na cidade. Apesar de que a sua fundação ocorreu duas décadas antes da mesma, como veremos a seguir.

Fundado por Rodolfo Xavier, Juvenal e Durval Morena Penny e Antonio Baobab, todos negros, o jornal circulou entre os anos de 1907 e 1965, parando momentaneamente em virtude da II Guerra Mundial, em meados da década de 1940, que afetou a imprensa da época de uma maneira geral em decorrência da escassez de matéria-prima (Cf. SANTOS, 2000:74).

Os intelectuais negros integrantes do jornal, na década de 30, Humberto Freitas e Miguel Barros, além de fundadores eram líderes desta organização, o que o torna, a partir

desse momento, o periódico oficial da *Frente Negra Pelotense*, tendo por intuito a seguinte proposta: “Propor uma identidade como negros, através do jornal e reivindicarem seus direitos...” (SANTOS, 2000:107). A “campanha pró-educação” foi uma das propostas efetuadas pela organização no sentido de motivar a aceitação da *identidade negra* pelos afro-descendentes locais.

A primeira informação sobre a *Frente Negra Brasileira* no *A Alvorada* foi um artigo assinado por Rodolfo Xavier, fundador e articulista do jornal, que escreveu: "São Paulo, neste momento, indica o caminho a seguir pela raça negra...ciente e consciente de seu valor moral, cívico e intelectual, como parte integrante do povo brasileiro..."(A Alvorada, 28/02/1932 *apud* SANTOS, 2000:129).

A *Frente Negra* indicava duas direções para os negros pelotenses. Uma referente à *identidade negra* positiva incentivada pela educação e, outra, a reivindicativa, linha já adotada pelo jornal em torno dos debates a respeito dos direitos trabalhistas instituídos por Getúlio Vargas.

Neste contexto, local e nacional, formou-se o oásis pelotense. A fundação do *Centro de Cultura Negra*, em 23 de abril de 1933, na cidade de Pelotas foi, para Santos (Cf. SANTOS, 2001:140), o embrião da *Frente Negra*. O responsável pelas atividades culturais da entidade era Miguel Barros, que participaria das atividades do *I Congresso-Afro-Brasileiro*, realizado em 1934 no Recife.

Identificamos dois motivos que contribuíram com a sua breve existência. Em primeiro lugar, a Constituição brasileira, e em segundo a causa proletária, sendo que ambos iam de encontro ou dificultavam a construção de uma *identidade exclusivamente negra*. Esse *movimento social*, pelos indícios que dispomos, perdurou em Pelotas por três anos, até 1936.

Percebemos que devido à *Frente Negra Pelotense* ter sido fundada pelos donos do jornal *A Alvorada* na década de 1930, essa situação fez com que na prática as duas instituições, pelo período de três anos, se tornassem fundidas em um único *lugar social*, registrando e difundindo os mesmos interesses.

### **No Recife: o Congresso como princípio**

Miguel Barros, conhecido por “Mulato”, era integrante da Frente Negra Pelotense e foi um dos responsáveis diretos pela fundação desse *movimento social* em Recife. Conforme Santos (Cf. SANTOS, 2000:107): “Barros assume a redação do jornal *A Alvorada* por um breve período em 1934, logo após iria representar a *Frente Negra Pelotense* no Congresso do Recife”.

Segundo Florentina Souza, a *Frente Negra Pernambucana* foi fundada em Recife com a participação de Solano Trindade (1908-1974) no ano de 1934. Solano foi poeta, escritor, teatrólogo, ator, pintor e pesquisador das tradições populares. Conhecido como “Poeta do Povo”, participou das atividades do *I e II Congressos afro-brasileiros*. (SOUZA, 2004:283-293).

Fátima Aparecida da Silva (2007), entrevistou o filho de Vicente Lima, um dos fundadores do movimento no Recife, o Senhor Gustavo Lima. Segundo sua versão: “o gaúcho Barros dos Mulatos (sic) veio para Pernambuco e quando ele chega aqui faz contato com Solano e com Zé Vicente e criam a Frente Negra Pernambucana, isto é em 1936”.<sup>30</sup>

Independentemente do ano de sua fundação, 1934 ou 1936, Miguel Barros, Solano Trindade e Vicente Lima, estiveram juntos na origem desta organização. Tanto Luiz Luna (1976:312) quanto Fátima Silva (2007:283) concordam nesta informação, o que aceitaremos como indícios dessa hipótese, e que confirma a estreita ligação entre *frentenegrinos* pelo território nacional. Se o embrião da *Frente Negra* em Pelotas foi o *Centro de Cultura Negra*, no Recife ocorreu justamente o inverso,<sup>31</sup> pois conforme Fátima, devido à vaidade dos pernambucanos, a *Frente Negra Pernambucana*, a partir de 1937, passou a se chamar *Centro de Cultura Afro-Brasileiro*, querendo ser uma organização original, “diferente daquela imitada”, vinda do sul (Cf. SILVA, 2007:5).

Acreditamos que essa vaidade pode ter sido tênue para essa alteração de nome, já que Vicente Lima, por ter sido companheiro de Miguel Barros, pôde ter em algum momento, tomado conhecimento do *Centro de Cultura Negra* de Pelotas, fundado em

1933. Miguel Barros era o responsável direto pelas atividades culturais do *movimento* pelotense.

Devemos estar atentos para os fortes acontecimentos relacionados com o ano de fundação do *Centro de Cultura* de Recife, causados pela ditadura do Estado Novo. Pensado por nós como o principal motivo da mudança de nome. Por isso a curta duração, entre 1936 e 1937. Já o *Centro de Cultura Afro-Brasileiro* que teve como embrião a *Frente Negra Pernambucana*, existe até os dias atuais.<sup>32</sup>

### Os oásis nacionais

Em novembro de 1934 ocorreu no Recife, o *I Congresso Afro-brasileiro*, organizado e proposto por Gilberto Freyre (1900-1987), contando com o apoio dos integrantes da *Frente Negra Pernambucana*. Realizado no Teatro Santa Isabel, entre as suas atividades foram debatidos temas diversos: a história da importação e da escravidão africana, os problemas de aculturação do negro e as variações antropométricas raciais, bem como discussões sobre o livro *Casa Grande e Senzala*.

Miguel Barros “o Mulato”, representante da *Frente Negra Pelotense*, participou do Congresso apresentando trabalho sobre “a grandeza da raça”.<sup>33</sup> A distância percorrida por ele, tendo como partida a cidade de Pelotas foi de mais de quatro mil quilômetros. Na época, o principal meio de transporte para viagens deste tipo era o navio, o que denota um imenso interesse de pessoas e de seus pensamentos, por ocasião destes oásis, independente das regiões de suas formações.

Os *cabos distritais*<sup>34</sup> deste encontro foram: representando Pernambuco, Gilberto Freyre, Solano Trindade, Pedro Cavalcanti entre outros; por Alagoas, por Alfredo Brandão e José Lins do Rego. Da Paraíba tivemos a participação de Adhemar Vidal, da Bahia, Edison Carneiro e Jorge Amado, do Estado do Rio Grande do Sul, Miguel Barros. E apresentando comunicações pelo Rio de Janeiro: Nóbrega da Cunha, Robalinho Cavalcanti e Renato Mendonça.

Conforme Clilton Paz o encontro do Recife foi muito importante para a época, por pretender estudar a trajetória do negro e a sua importância para o processo de formação da identidade sócio-cultural do país (Cf. PAZ, 2007:19).

Tuna explica que este congresso demonstrou um amplo esforço de sistematização do que havia sido produzido até então sobre a cultura afrobrasileira, num tempo em que a universidade brasileira ainda estava em estágio de formação (Cf. TUNA, 2005:73).

Deste evento foram produzidos os ANAIS, compostos pelos trabalhos apresentados, prefaciados por Roquete Pinto, que afirmou a importância da postura de Freyre e a sua disposição de dedicar uma maior atenção ao negro na história brasileira.

Para Maria Aparecida da Silva Bento, a ideologia do “mito da democracia racial”, foi em primeiro lugar apontado a partir da publicação de *Casa Grande e Senzala*, lançado em 1933 por Freyre. Conforme nos explica Bento: “Ao postular a conciliação entre as raças e suavizar o conflito ele nega o preconceito e a discriminação possibilitando a compreensão de que o ‘insucesso dos mestiços e negros’ deve-se a eles próprios” (BENTO, 2002:48).

Este pensamento, somente pode ser considerado como mero mito a partir dos revisionistas do final dos anos 50, que começaram a falar da intolerável contradição entre a harmonia entre as raças e a real discriminação contra negros no Brasil, sentido cotidianamente por eles (Cf. COSTA, 1998:366).<sup>35</sup>

Os intelectuais, historiadores e cientistas sociais operam no nível da mitologia social, quer queiram quer não, ajudam a destruir e a criar mitos. Para Emilia Viotti “no processo, a ‘verdade’ de uma geração muito frequentemente torna-se o mito da geração seguinte”. Ainda segundo a autora: “um poderoso mito, a ideia da democracia racial – que regulou as percepções e até certo ponto as próprias vidas dos brasileiros da geração de Freyre – tornou-se para a nova geração de cientistas sociais um arruinado e desacreditado mito” (COSTA, 1998:368).

A democracia racial durante muito tempo serviu para harmonizar conflitos raciais em nosso país, produzindo uma ideologia que “mediou” nossa sociedade, tornando-a mais *política*.

Três anos depois do Congresso do Recife, ocorreu entre os dias 11 e 19 de janeiro do ano de 1937 o *II Congresso Afro-brasileiro*, nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Os *cabos distritais* deste *lugar social* foram, entre outros: Percy Martim, Robert Park, Fernando Ortiz, Maria Archer, do *International Commite of African Affairs* e da *All*

*Africa Convention*, Artur Ramos, Donald Pierson. De Alagoas participou Manoel Diegues Júnior, do Rio de Janeiro, Renato Mendonça, Robalinho Cavalcanti, Jacques Raimundo. João Calazans representou o Espírito Santo. Dante Laytano e Dario Bittencourt, o Rio Grande do Sul. Segundo Carneiro, de todos os pontos do Brasil “chegavam os mais entusiásticos aplausos” (CARNEIRO, 1940:100-101).

Organizado pelo Governo do Estado sob liderança de Edison Carneiro (1912-1972), Áydano do Couto (1914-1985) e Reginaldo Guimarães, o encontro teve apresentações de trabalhos e homenagens.<sup>36</sup> Depois da realização do conclave, no dia 03 de agosto de 1937, fundava-se com o apoio dos participantes do encontro a *União das Seitas Afro-brasileiras da Bahia* (Cf. CARNEIRO, 1940).

Para Bacelar, Carneiro buscou dar ao Candomblé uma organização que o capacitasse para o exercício da liberdade religiosa e a preservar as tradições das seitas africanas em suas formas autênticas (Cf. BACELAR, 2001:130).

Vinicius Clay, que pesquisou a sociedade baiana através da imprensa, no trabalho intitulado: “O Negro em *O Estado da Bahia*: de 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1938”: explica que, embora com propostas diversas, as iniciativas deste *lugar social* redundaram no atual Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO - UFBA), criado em 1959 (Cf. CLAY, 2006:03).

Deve-se ressaltar a presença de dois participantes gaúcho nesse congresso a do Prof. Dr. Dante Laytano (1908-2000) e a do Prof. Dr. Dario Bitencourt (1901-1974).

O sociólogo Guerreiro Ramos (1915-1982), em 1954, analisou da seguinte maneira o I e o II *Congresso Afro-brasileiro*: “Ambos estes conclaves foram predominantemente acadêmicos ou descritivos...” (RAMOS, 1954:55).

O *TEN - Teatro Experimental do Negro* foi fundado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1944, no final da vigência do Estado Novo, pelo intelectual negro Abdias do Nascimento. Tinha por objetivo além de produzir peças teatrais, motivar o negro através da alfabetização, a combater a discriminação e o preconceito racial. Funcionava em sede emprestada da *União Nacional dos Estudantes*, na Praia do Flamengo. O responsável teórico do Grupo foi Guerreiro Ramos. Para Pinto (Cf. PINTO, 1954:292) é a partir destas

atividades que surgiu a bandeira de luta de forte conteúdo emocional e místico, a *ideologia da negritude*.

O *TEN* realizou em São Paulo e no Rio de Janeiro *Convenções e Congressos* nos anos de 1945 e 1946 (Cf. CEVA, 2006:26).

De 09 a 13 de maio do ano de 1949, em comemoração ao aniversário da abolição, na capital Fluminense, o grupo organizou a *Conferência Nacional*, que reuniu representantes de várias regiões do país. Este encontro propunha, segundo Abdias do Nascimento (2000:214) “a revisão das teorias racistas e das pesquisas antropológico-sociológicas convencionais sobre o negro, representado pelos congressos anteriores”. A Conferência serviria também como preparatória para o *I Congresso do Negro Brasileiro*.

Este congresso foi realizado em 1950, na então Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Teve entre seus temas: a necessidade da regulamentação e organização das empregadas domésticas, campanhas de alfabetização e teses sobre manifestações de racismo. Seus organizadores foram: Edison Carneiro, Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento.

Conforme L.C Pinto, este encontro pretendeu também criar uma progressiva identificação dos objetivos comuns entre os negros brasileiros. O *I Congresso do Negro* contou com a apresentação de treze trabalhos entre os dias 26 de agosto e 04 de setembro de 1950. Seus *cabos distritais* foram: Roger Bastide, Gilberto Freyre, Afonso Arinos de Melo Franco, Guiomar Ferreira de Matos, Oraci Nogueira, Mário Barata, Luis Câmara Cascudo, Ironildes Rodrigues, entre outros (Cf. L.C PINTO, 1953:296-299).

No entanto, conforme Ceva “...correntes divergentes surgiram no interior do Congresso ilustrando a complexidade do tema, entre academia e militância”.(CEVA, 2006:66). Nesse contexto, foi instituída em 1951 a “Lei Afonso Arinos”, lei que tornou crimes comuns, passíveis de sanção penal, os atos de discriminação racial no Brasil.

### **O oásis de Porto Alegre**

As atividades do *I Congresso Nacional do Negro*, realizado em Porto Alegre no ano de 1958, relacionaram-se com os interesses políticos partidários oriundos, principalmente, do *PTB – Partido Trabalhista Brasileiro*.



A iniciativa de organizar o encontro coube à *Sociedade Beneficente Floresta Aurora* apoiada pelo Governo Municipal, Estadual, Federal e empresas privadas. Conforme a historiadora Liane Muller (1999), a entidade foi fundada na cidade de Porto Alegre no dia 31 de dezembro de 1872, pelo negro forro Polydorio Antonio de Oliveira. O principal objetivo da organização era zelar pela comunidade afro-gaúcha materialmente e socialmente, auxiliando na realização de enterros dignos para os negros.

Este congresso recebeu delegações dos estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal e interior gaúcho, contando com a presença de estudiosos, pesquisadores, intelectuais brancos e negros e da comunidade.<sup>37</sup>

Em fevereiro de 1945, com o chamado *Ato Adicional à carta de 1937*, Getúlio Vargas fixou um prazo de noventa dias para a realização de eleições gerais em nosso país. Era a abertura democrática iniciada no final da II Guerra e do Estado Novo. Neste contexto foram fundados os três principais partidos do período entre 1945-1964: a UDN, o PTB e o PSD.

Conforme Alves dos Santos (Cf. SANTOS, 2001:59), ao analisar os programas partidários, encontramos referências sobre a questão racial nas seguintes agremiações: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Partido Democrata Cristão. Nos maiores partidos deste período, o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN), inexistiam menções sobre o tema.

É importante salientar que o PTB representava o trabalhismo independentemente da origem étnica deste trabalhador, com influências em sociedades polonesas, ucranianas, alemãs e russas de Porto Alegre (Cf. FORTES, 2004:117-177).

A *Sociedade Floresta Aurora* tinha muito prestígio no período, por sua antiguidade e pela influência nacional. Além de enviar representantes para os Congressos e Convenções Nacionais do Negro de São Paulo e do Rio de Janeiro, ainda teve como ex-presidente Heitor Fraga, homem conhecido por sua participação como dirigente na Confederação nacional de esportes.

O *PTB* tinha como principal interesse fazer que seu projeto político conquistasse o poder no Estado do Rio Grande do Sul, através da eleição de seus representantes ao Governo e à Assembléia deste Estado. A *Floresta Aurora* tinha como interesse a sua (re)

construção social e material devido às dívidas contraídas pela administração anterior, com isto queria superar a sua crise financeira aumentando o seu quadro social em um primeiro momento e, em um segundo, também alargar, através de reformas, a sua sede social.

Mas ambas as agremiações tinham um interesse em comum: a educação do povo, seja ela pensada como programa político nacionalizador, neste caso vinculado à ideologia do *PTB*, seja como estratégia de inserção e de integração social de grande parcela da comunidade negra ainda marginalizada neste estado, representada pela *SBFA*, que entendia profundamente o sofrimento de seus pares com o analfabetismo existente. Eis, em síntese, que entendemos como o principal elo de “estabilidade” entre os projetos destas duas organizações sociais: a educação. Sob esta hegemonia tivemos, pelo intermédio da educação, a principal força geradora para a formação do oásis porto-alegrense.

O *PTB* mantinha um representante no seio da organização negra, o Deputado Armando Temperani Pereira (1910-1991), que era conselheiro. Localizamos evidências das constantes visitas do líder do partido no Rio Grande do Sul, Brizola (1922-2004), à entidade. Em entrevista realizada com o Sr. Hélio Fontoura, advogado de Brizola que era Prefeito de Porto Alegre na época, tornaram-se evidentes estas relações. Consta em ata que o conselheiro Eurico Souza propõe que fosse oferecido, por parte da entidade, um coquetel para Brizola e sua esposa (Ata 248, 20 de maio de 1958).

Neste período, a *SBFA* tinha como presidente Heitor Fraga. Empossado Valter Santos, em 1958, a sua administração passa a fazer contatos em outras esferas da sociedade gaúcha e no eixo Rio-São Paulo. A entidade tem as suas relações alargadas o que possibilita a sua contribuição na situação político-social e cultural dos negros gaúchos e brasileiros.

Após contatos com o Prefeito da capital gaúcha, no mês de junho, o Presidente da *SBFA*, Sr. Valter Santos e o conselheiro Eurico Souza viajaram para o Rio de Janeiro no intuito de conseguir apoio federal (ATA 251, de 08 de junho de 1958). É importante salientar que o *PTB* era o partido do vice-presidente da República, João Goulart.

O apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul ocorre mediante o decreto nº 9267, do dia 20 de agosto de 1958, assinado pelo então Governador do Estado Ildo Menegetti do PSD, no qual autorizou a liberação de 60.000 cruzeiros para a entidade. Esta participação deu um viés democrático ao encontro. Outra fonte de recursos foram os

70.000,00 cruzeiros doados pela Prefeitura de Porto Alegre, como consta na ata nº 262 encontrada no acervo da Sociedade.

Também localizamos a apoio da Pepsi-Cola e da Rede Mineira de Viação ao congresso além dos periódicos: Correio do Povo e Folha da Tarde, que difundiram diariamente as atividades propostas neste *lugar social*.

O encontro ocorreu simultaneamente nas dependências da *Sociedade Floresta Aurora* e na Câmara de Vereadores entre os dias 14 e 19 de setembro de 1958, e contou com o comparecimento de Dante Laytano (1908-2000), que versou sobre sua viagem a África, e de Dario Bittencourt (1901-1974), ambos participaram das atividades do *II Congresso Afro-Brasileiro* de Salvador e dos Congressos organizados pelo *Teatro Experimental do Negro*. Além destas presenças, o evento teve diversos palestrantes vinculados ao *PTB* e ao *Curso de Engenharia da UFRGS*, faculdade, que estudou Brizola.<sup>38</sup>

Os participantes chegaram à seguinte conclusão: o maior problema do negro brasileiro era o seu baixo nível intelectual (pouco estudo) sendo necessária uma ampla campanha de alfabetização organizada pelas associações negras com o auxílio dos Poderes Públicos constituídos (Correio do Povo/ Porto Alegre/ 20/09/1958:07).

Podemos certamente enfatizar que a realização deste oásis foi fundamental para as eleições estaduais, pois segundo o Jornal Correio do Povo, do dia 17 de setembro de 1958 o Estado do Rio Grande do Sul tinha 1.274.344 eleitores.

A população negra conforme informado no discurso do Prof. da UFRGS, Laudelino Medeiros, que palestrou no congresso, era de 440.000 pessoas. Como os analfabetos eram impedidos de votar e no RS o número de negros analfabetos girava em torno de 70%, significava que somente 132.000 negros, ou seja, 30% poderiam votar, se os mesmos tivessem a idade prevista em lei, isto é, maiores de 18 anos.<sup>39</sup> Prosseguindo este raciocínio, se diminuirmos este número pela metade e nos concentrarmos em 66.000 mil eleitores, 15% dos negros votantes, mesmo assim devemos considerar esta quantidade como razoável e notar como foi importante a relação entre o *PTB* e a comunidade negra gaúcha, por ocasião desta disputa, pois os resultados das eleições para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul foram os seguintes: Brizola, do *PTB*, obteve 55% dos votos válidos, em um

total de 670 mil e Walter Perachi Barcelos, representante da UDN, PL e PSD, ficou com 45% dos votos, totalizando 500 mil.<sup>40</sup>

Proporcionalmente, temos os indícios necessários para valorizar a importância da comunidade negra nestas eleições. O *I Congresso Nacional do Negro* foi concretizado entre os dias 14 a 19 de setembro e no dia 10 de outubro de 1958, o *PTB* alcançou a vitória nas urnas. Lembremos do binômio no *slogan* da campanha de Brizola neste pleito: “Educação Popular e Desenvolvimento Econômico”.

Para a *Sociedade Floresta Aurora*, o benefício foi material, já que além de ver aumentado o seu quadro social concomitantemente ela conseguiu adquirir uma sede social mais ampla, localizada em frente ao Hipódromo do Cristal, bairro nobre de Porto Alegre. Politicamente para a comunidade negra em geral existiram melhorias, visto que a mesma passou a ter um representante no gabinete de Brizola, o Sr. Alexandre Moreira além da efetivação da “Campanha de Alfabetização Intensiva dos Negros Brasileiros”.

Localizamos na “escritas de si”<sup>41</sup> expedida por Archanjo Martins Santos, considerado por nós como o principal *cabo distrital* deste encontro, já que era representante da *União Mineira Pró-Homens de cor* do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, indícios da difusão das ideias apresentadas neste *lugar social* que repercutiram em outras regiões do Brasil.

Leonel de Moura Brizola

D.D Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Exmo. Snr.(sic) Governador.

As grandes obras tendem a ser compreendidas, somente, por um círculo restrito da opinião pública, só depois de exaustivos trabalhos, é que a ideia vinga, floresce e frutifica. Conhecendo esse fenômeno, é que venho à presença de Vossa Excia (sic) levar os meus sinceros parabéns pela tão acertada escolha do cidadão Sr. Alexandre Moreira para oficial de Gabinete de V. Excia (sic). Trata-se de um dos atos mais simpáticos e democráticos do governo de V. Excia (sic), que veio repercutir em todo o Brasil, numa demonstração de que V. Excia (sic) deseja governar o grande estado, com a colaboração de brancos, pretos, sem a distinção de raça ou credo, e com todos os Riograndenses(sic) que desejam o progresso do grande estado sulino. Deixo aqui as minhas sinceras felicitações, apresentando V. Excia os meus protestos de grande estima e distinta consideração.

Que Deus guarde V. Excia “AD MULTOS ANNOS”.

Cordialmente

Archanjo Martins dos Santos  
B.Mansa, 30/06/59.<sup>42</sup>

## Conclusão

Durante esses vinte e sete anos (1931-1958), período em que surgiu o *movimento fretenegrino* e que culminou com a realização do *Primeiro Congresso Nacional do Negro*, na cidade de Porto Alegre, foram promovidos sete Congressos que motivaram os estudos *culturais*, discussões sobre as questões *sociais* e os assuntos de cunho *político* sobre o negro em nosso país. Entendemos que todos foram acontecimentos políticos, mas o único que teve a questão político-partidária em evidência foi o encontro de Porto Alegre.

Estes eventos tiveram aspectos culturais, políticos e sociais, propostos de maneira dinâmica e abrangente, o que contribuiu positivamente para o reconhecimento da identidade negra e afro-brasileira em nosso país.

A formação de oásis iniciou, em nossa perspectiva a partir do movimento fretenegrino e de seus intelectuais e organizações, que surgiram em praticamente todo o território nacional. Embora com ideologias diferentes, tinha em comum a luta pela inserção e ascensão das populações negras em nossa sociedade nacional.

Quanto aos Cabos Distritais, concordamos com Flávio dos Santos Gomes, que cita estes como uma inovadora estratégia da época para conquistar associados.

Avançamos nesta hipótese percebendo que outras estratégias foram inovadoras para os intelectuais fretenegrinos. Como os Delegados em Trânsito, que viajavam de navio pelos portos brasileiros no intuito de fundar núcleos da organização, o que nem sempre dava certo. Tomamos por exemplo, o caso de Simeão, que embora tenha sido convidado para participar do movimento, negou o convite, deixando claro que idéias como a das *Frentes Negras* eram perigosas ao Brasil já que significava, para muitos, uma sociedade dividida. Para José Antônio dos Santos (2000) Simeão sentiu a influência da democracia racial brasileira em sua decisão.

Através destas movimentações e dos debates sobre as questões negras, criamos em nossa narrativa a idéia de que os homens que participaram de Congressos foram importantes meios para difundir a trajetória da comunidade negra no país, embora

reconhecendo que muitos eram brancos e sem nenhum compromisso militante com a causa negra. Guardadas as devidas proporções, também propomos demonstrar que as reivindicações da *Frente Negra*, sempre estiveram presentes nos Congressos Negros e Afro-Brasileiros realizados entre 1934 e 1958.

Para comprovar esta situação, devemos destacar que Abdias do Nascimento, ex-integrante da *Frente Negra*, foi organizador das Convenções e Conferência do Negro de 1950. Miguel Barros, membro da *Frente Negra Pelotense*, esteve participando do Congresso de 1934, organizado por Freyre no Recife. Solano Trindade, fundador da Frente Negra no Recife, participou além deste encontro, e nas atividades promovidas por Abdias, na década de cinquenta.

A partir destes indícios conceituamos as pessoas que atuavam na criação, participação e manutenção destes congressos, como Cabos Distritais dos Encontros, cientes de que dificilmente existiu relação destes com os Cabos Distritais da Frente Negra Paulista, e com os seus Delegados em Trânsito. O ponto em comum, e que salientamos, nestas funções, foram suas movimentações pelo território, divulgando interesses, que em última análise, contribuíam para a história afro-brasileira.

Intelectuais como Armando Temperani Pereira, Abdias do Nascimento, Arlindo Veiga dos Santos, Dante Laytano, Dario Bittencourt, Edison Carneiro, Gilberto Freyre, Guerreiro Ramos, Leonel Brizola, Miguel Barros, Solano Trindade, Walter Santos, Archanjo Martins Santos e tantos outros, que devido ao limite de nossa narrativa acabaram sem ser citados, independentemente de sua formação acadêmica, militante, político-partidária e de suas origens étnicas, perceberam, à sua maneira, que algo deveria ser feito em torno das questões negras, visto que as mesmas representavam uma grande parcela da população deste país. Para reconhecê-la deveria ser entendida sua participação em nossa formação cultural e serem resolvidas as suas carências sociais, como analfabetismo e o desemprego.

Entendemos que existiram limitações nestes acontecimentos, já que a desigualdade entre negros e brancos, embora com avanços, persiste em nossa sociedade.

## Notas

<sup>1</sup> Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenador do GT Negros-ANPUH-RS e Assistente de Produção do Memorial do Rio Grande do Sul. Agradeço a Elizabeth Castillo Fornés pela orientação na redação. E-mail: arilsonsg@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar social de produção sócio-econômica, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. (...) é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhes serão propostas, se organizam. Ver CERTEAU, Michel De. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006, p.66-67.

<sup>3</sup> A política baseia-se na pluralidade de homens e trata da convivência entre diferentes (...) manifesta-se na vida privada, em costumes e convenções; e na vida pública em leis, constituições e estatutos. Será dada ênfase também sobre o contato político partidário no que tange às relações entre políticos ou partidos políticos e os organizadores dos congressos e representantes das organizações negras. Ver ARENDT, Hannah. *O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.21-22.

<sup>4</sup> Solano Trindade, Barros Mulato e Abdias do Nascimento são exemplos das participações de ex-membros da Frente Negra em atividades de caráter nacional sobre o negro neste período.

<sup>5</sup> Além da Frente Negra paulista, baiana, pelotense e pernambucana, que analisaremos, existiram núcleos dessa organização em Sorocaba, Santos, Campinas e Rio de Janeiro. Ver DOMINGUES, Petrônio José. “A insurgência do Ébano”: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Também localizamos referências quanto a um núcleo fundado em Minas Gerais em 1935. Ver GOMES, Flavio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, p.48. Ver LUNA, Luiz. *O Negro na luta contra a escravidão*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976, p.313.

<sup>6</sup> A FNB inovaria com o mecanismo de cabos para arrecadar sócios e recursos. Ver GOMES, Flavio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, p.48.

<sup>7</sup> Notamos estas viagens através do discurso de fundação da FNB em Salvador no ano de 1932, sendo que naquela ocasião o seu líder, Marcos Rodrigues dos Santos disse, que: “gostava de ensinar a ler aos que não sabiam, chegando a reger a Escola noturna da Sociedade de São Vicente (...) fui alfabetizar em Segueiro do Espinho, Verruga, Encruzilhada, ahi (sic) iniciei a minha vida de judeu errante viajando para o norte de minas, sempre pregando contra o analfabetismo (...) fui para Santos, lecionando no mosteiro de São Bento. Ahi (sic) fundei a Frente Negra, conseguindo alistar quatro mil negros...”. Diário da Bahia, 16/11/1932 *apud* Jéferson Bacelar, *A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvado*, Rio de Janeiro, Pallas, 2001, p.146. Em outra leitura identificamos que Simeão M. da Silva, pelotense, foi convidado para ser “delegado em trânsito” da FNB em Santos, no ano de 1932, viajando a bordo do cargueiro Mantiqueira. Segundo José Antônio dos Santos, como Simeão viajava regularmente pelos portos brasileiros, poderia representar a FNB em outras cidades do país.

José Antônio dos Santos, “*Raiou ‘A Alvorada’: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*”, (Dissertação de mestrado em História Universidade Federal Fluminense, 2000), p.132.

<sup>8</sup> Ver ARENDT, Hannah. *O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.21-22.

<sup>9</sup> Por cultura entendemos: “o terreno das práticas, representações, linguagens e costumes concretos de qualquer sociedade historicamente específica. Também inclui formas contraditórias do ‘senso comum’ que se enraizam e ajudam a moldar a vida popular”. Ver HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.332.

<sup>10</sup> No aspecto social remetemos ao *espaço de cidadania* que é constituído pelas relações sociais da esfera pública entre cidadãos e o Estado. Nesse contexto, a unidade da prática social é o indivíduo, a forma institucional é o Estado, o mecanismo de poder e dominação é a forma de juridicidade é o direito territorial e o direito oficial estatal, o único existente para a dogmática jurídica. Boaventura de Souza Santos, *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*, São Paulo, Cortez Editora, 2001, p.126.

<sup>11</sup> Denominamos de encontro de *caráter nacional* os congressos e fóruns realizados entre 1934 e 1958 nas cidades do Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que trataram especificamente da

temática afro-brasileira e negra. Em suas atividades sempre foram localizados participantes de outros estados brasileiros e até de outros países sul-americanos e norte-americanos. Agora, o importante é identificar que fora o Estado, sede do encontro, em todas essas atividades foram constatadas as presenças de participantes e delegações de mais de dois estados brasileiros, o que evidencia e justifica a utilização desse termo.

<sup>12</sup> Sobre a organização do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre encontramos, através das pesquisas realizadas em Atas de reuniões da SBFA e em consultas em periódicos do período, nomes como o de Leonel Brizola, Armando Temperani Pereira, J.P Coelho de Souza, todos políticos tradicionais vinculados ao PTB.

<sup>13</sup> A Constituição de 1934 dizia: “Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, por motivos de nascimento, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crenças religiosas ou ideias políticas” (art.113, alínea I). Já a Constituição de 1946, artigo 141, ofereceu as bases dos direitos individuais à “vida, liberdade, segurança e propriedade pessoal”, enquanto estabelecia novamente: “todos são iguais perante a lei”. Ver DAVIS, J. Davis. *Afro-Brasileiros hoje*. São Paulo: Selo Negro, 2000, p.39.

<sup>14</sup> Enfatizamos que antes da Frente Negra existiram outras formas de resistências negras, mas ao analisarmos esta organização queremos demonstrar uma organização de postura política e social que repercutiu em nível nacional, demonstrando relacionamentos estratégicos de grupos negros organizados com os poderes públicos constituídos.

<sup>15</sup> Conforme Domingues: “A FNB não foi criada da noite para o dia; ela foi resultado do acúmulo de experiência organizativa dos negros no pós-Abolição”.

<sup>16</sup> A influência do nome “Frente” denominado pela organização estava muito em voga no período, segundo Florestan Fernandes no livro *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3ª Ed vol. 02 Ática São Paulo-Rio 1978, p.46, devido às alianças políticas em torno das disputas oligárquicas, cita-se à *Frente Única Gaúcha* formada pela união do Partido Libertador com o Partido Republicano Rio-grandense, Pesavento, S.J. RS: *a economia e o poder nos anos 30*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1980, p.36, que se uniram em torno do nome de Getúlio Vargas para o governo do Estado e a *Frente Única Paulista*, união do Partido Republicano Paulista, Partido Democrático e a Liga de Defesa Paulista.

<sup>17</sup> Sobre a Frente Negra Brasileira ver: Ver Florestan F.(1978) *Integração do Negro na Sociedade de Classes*, Luis Luna (1978), *O Negro na luta contra a escravidão*, Roger Bastide (1979) *em Brasil, Terra de Contrastes e Brancos e Negros em São Paulo* (1959), Paul Singer (1980), *São Paulo: o povo em movimento*, Clóvis Moura (1992) *História do Negro Brasileiro e Dialética Radical do Brasil Negro* (1994), Márcio Barbosa (1998) *em Frente Negra Brasileira, depoimentos*, Beatriz Ana Loner (1999) *em Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*, José Antônio dos Santos (2000) *em Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*, Jéferson Bacelar (2001), *A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador*, Laiana Lannes (2002) *em “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”*, Kabengele Munanga (2004), *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*, Flávio Gomes (2005) *em Negros e Política (1888-1937)*, Petrônio José Domingues (2005) *em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*, e Pe. Gedeon José de Oliveira (2006): *A resistência de ébano: Uma abordagem da Frente Negra Brasileira a partir do simbólico (1930)*.

<sup>18</sup> Roger Bastide (1959), Florestan Fernandes (1978) e Clóvis Moura (1992) citam o hitlerismo, fascismo e integralismo como sendo ideologias da organização, tecendo poucas referências dos motivos que faziam com que a organização pendesse para tais ideias da época.

<sup>19</sup> Para saber do expediente, circulação e função social do Jornal A Voz da Raça, ler: Petrônio José Domingues *em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*, p.139-147.

<sup>20</sup> Para saber mais sobre a imprensa negra ver Yosvaldir Carvalho Bittencourt *em: As Escolas de Comunicação Social como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial*. Roger Bastide *em: A Imprensa Negra no Estado de São Paulo*, Miram Nicolau Ferrara, *em A Imprensa Negra em São Paulo*, Lilian Susan Müller, *em “As contas do meu rosário são balas de artilharia” – Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920*, José Antonio dos Santos, *Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*, Florestan Fernandes *em: A Integração do Negro na Sociedade de Classes* e Antonio Sérgio Alfredo Guimarães *em Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950*.



<sup>21</sup> Abdias do Nascimento foi integrante da Frente Negra nos anos 30, fundador do Teatro Experimental do Negro em 1944, e Senador Federal nos anos 90.

<sup>22</sup> Conforme Francisco Lucrécio os negros paulistas eram proibidos de passear em alguns parques da cidade. Também aos negros era impossibilitado acesso a trabalhos como os de guarda-civil. Ambas as proibições foram extintas devido a conversas de líderes da Frente Negra com o então presidente Getúlio Vargas. Ver BARBOSA, Marcio. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998:54-55.

<sup>23</sup> Diário da Bahia, 26/04/1933 *apud* Bacelar. Ver BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.148.

<sup>25</sup> Por moldes tradicionais entendemos uma sociedade onde negros e brancos convivem cientes de suas posições sociais, sem conflitos visíveis. Termo endossado por Gilberto Freyre que diz: "...a distância social, no Brasil, fora resultado de diferenças de classe, bem mais do que de preconceito de cor ou de raça. Como os negros brasileiros desfrutavam de mobilidade social e oportunidades de expressão cultural, não desenvolveram uma consciência de serem negros da mesma forma que seus congêneres norte-americanos". Emilia Viotti da Costa, *Da Monarquia à República – Momentos decisivos*, São Paulo, Editora UNESP, 1998, p.365.

<sup>26</sup> Foi após a guerra de 1914-1918 que o negro começou a reivindicar e ter consciência de sua condição inferior ao do imigrante na capital paulista, que tendo chegado ao Brasil tão pobre como ele, conseguiu subir na escala social, enquanto o negro permaneceu embaixo. Ver Bastide e Florestan, *Brancos e Negros em São Paulo*, p.226.

<sup>27</sup> Identificamos, nestas informações, uma forte influência do Positivismo na Frente Negra Pelotense, pois ao instruir a mulher negra para educar seus filhos, temos uma das principais doutrinas do positivismo difundido em nossa sociedade: o de que as mulheres deveriam ficar em casa educando seus filhos. Ver Nelson Boeira, *O Rio Grande de Augusto Comte*, In GONZAGA, Sergius, (RS: Cultura & Ideologia), Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

<sup>28</sup> LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Departamento da UFRGS, p.249-258.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p.254.

<sup>30</sup> Depoimento para Fátima em 20/01/2007. Fátima Aparecida Silva, "O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-"A história continua, XXIV Anais do Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

<sup>31</sup> Centro de Cultura Negra surgiu em Pelotas em 1933. Para Santos, "*Raiou 'A Alvorada'*", p.140, este foi o embrião da Frente Negra Pelotense.

<sup>32</sup> Propomos motivar o debate sobre o desaparecimento das Frentes Negras diante da ditadura do Estado Novo e a continuidade de suas propostas. Salientamos que este período é propício para serem desenvolvidos debates e discussões quanto à permanência das organizações negras.

<sup>33</sup> "... A Frente Negra Pelotense, da plaga de Marcílio Dias, cumprimenta o Iº Congresso Africano-Brasileiro, da terra pernambucana de Henrique Dias, com um amplexo sincero, pela Grandeza da raça". (MIGUEL BARROS *apud* ANAIS do I Congresso Afro-Brasileiro, 1935:269). Encerramento da fala de Barros no 1º Congresso.

<sup>34</sup> Conforme nossa hipótese estes homens são intelectuais que levam seus estudos e pesquisas para apresentar nesses eventos, e trazem informações sobre os temas que estiveram em pauta para os seus estados e cidades de origem, o que serve como formas de dar continuidade à difusão das ideias apresentadas nesses locais.

<sup>35</sup> São considerados revisionistas em nossas pesquisas os pesquisadores ligados a USP (Universidade de São Paulo), ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), o TEN (Teatro Experimental do Negro) e a UNESCO. A partir do final dos anos de 1950, entre outros.

<sup>36</sup> Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi considerado o pioneiro nas pesquisas sobre africanos e negros no Brasil. Para saber mais ver CARNEIRO, E. *Ladinos e Crioulos*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.

<sup>37</sup> GOMES, Arilson dos Santos. A formação de oásis: dos movimentos fretenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958). Porto Alegre, 2008. (Dissertação em História) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

<sup>38</sup> *Ibidem*, cap. II e III.

<sup>39</sup> Jornal Correio do Povo, 27 de setembro de 1958, p.18.

<sup>40</sup> Ver Flavia Cristina Maggi Bemfica, “Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos”. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007), pp.18-21.

<sup>41</sup> *A escrita de si* engloba autobiografias, diários, cartões postais e documentos de caráter íntimo. (GOMES, 2004, p.11). GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>42</sup> Para consultar a correspondência na íntegra, acessar nossa pesquisa no link: [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1595](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1595), na página 302.

## Referências Bibliográficas

### Fontes Transcritas

Atas Transcritas na Floresta Aurora; pp. 234-262, de janeiro a outubro de 1958.

### Periódicos

Correio do Povo, Porto Alegre, 20/09/1958/ p.07.

### Entrevista

FONTOURA, Hélio. *Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958*. Realizada no dia 18 de dezembro de 2006. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

### Bibliografia

ANAIS – Estudos Afro-Brasileiros – *Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934*. 1º vol. Rio de Janeiro: Ariel, Editora LTDA, 1935.

ARENDR, Hannah. *O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BACELAR, Jéferson. *A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador*, Rio de Janeiro, Pallas, 2001.

BARBOSA, Marcio. *Frente Negra Brasileira, depoimentos*. São Paulo: Quilomboje, 1998.

BASTIDE E FERNANDES. *Brancos e Negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

BEMFICA, Flavia Cristina Maggi. *Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e Crioulos*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.

CERTEAU, Michel De. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. *O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro*. Rio, 2006. (Dissertação de Mestrado Educação), PUC-RJ.

CLAY, Vinícius. *O Negro em O Estado da Bahia: De 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1937*. 2006. <http://www.facom.ufba.br/pex/viniciusclay.doc>. Acesso 10.02.2008

COSTA, Emilia Viotti. *Da Monarquia à República – Momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DAVIS, J. Davis. *Afro-Brasileiros hoje*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

DOMINGUES, Petrônio José. *A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. (Tese de Doutorado), USP, 2005.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930 – Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FONTOURA. Hélio. *40 Anos ao lado de Brizola*. Porto Alegre: Prografic Editora e Gráfica Ltda, 2005.

FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A Classe trabalhadora: Porto-Alegrense, e a Era Vargas*. Caxias do Sul: EDUCS-Garamond, ANPUH-RS, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora S.A, 1981.

- GOMES, Flavio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Departamento UFRGS.
- LUNA, Luiz. *O Negro na luta contra a escravidão*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976.
- MÜLLER, Liane Suzan. “As contas do meu rosário são balas de artilharia” – *Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920*. 253 f. Porto Alegre, 1999. (Dissertação de Mestrado em História), PPGH/PUCRS.
- NASCIMENTO, Abdias. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Sérgio Antônio. *Tirando a máscara*. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.203-235.
- PAZ, Clilton Silva. A importância do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife. Encontro Escravidão Mestiçagem – MG, 2006.
- RAMOS, Guerreiro. *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*. Transcrito de Cadernos de Nosso Tempo, 2 (2): 189-220, jan./jun. 1954. Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/negritude.htm>. Acesso em: 31.08.2007
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil, São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- SANTOS, Boa Ventura de Souza. *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. *Movimento negro e Estado: o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra*, São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, Coordenadoria Especial do Negro, 2007.
- SANTOS, José Antônio dos. *Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. 195 f. Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de mestrado em História). Dep.UFF.
- SILVA, Fátima Aparecida. *O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-*. A história continua. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.
- SOUZA, Florentina. *Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira*. Edição: 31 (2004). [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31\\_14\\_solano.PDF](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_14_solano.PDF). Acesso em: 10.03.2008.
- TUNA, Gustavo Henrique. O negro deu régua e compasso: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, setembro, p.68-73. 2005.
- Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul: 327, 1958. Decreto nº 9267, sp.

Recebido em março de 2009. Aprovado em julho de 2009.

